

UMA REFLEXÃO SOBRE A AUSÊNCIA DE LÉSBICAS EM FESTAS LGBTI+ NA CIDADE DE RECIFE

Fernanda de Carvalho Azevedo Mello ¹

RESUMO

O presente artigo destina-se a aprofundar teoricamente uma das dificuldades para a realização de pesquisas que abordem vivências e experiências lésbicas: a baixa frequência com que um número significativo desse grupo de mulheres é encontrado em um único lugar. Como amostra, utilizo a cena noturna voltada ao público LGBTI da cidade de Recife, apreendida através de observação participativa como parte da etnografia intitulada *Gênero em Festa: Uma Etnografia da Participação de Lésbicas e Mulheres Bissexuais em Espaços LGBTI na Cidade de Recife*. No entanto, esses ambientes são marcados pela presença masculina, destacando, comparativamente, a presença pouca expressiva de lésbicas e mulheres bissexuais. Sob a ótica dos fenômenos urbanos, as festas são manifestações de libertação e comemoração, que não apenas pretendem romper com a ordem cotidiana, mas figuram também como parte da rotina semanal da cidadina e/ou cidadão. Em Recife, é comum o surgimento de regiões morais que dão a espaços e localidades urbanas alguma característica pessoal daqueles que tem o costume de transitar por ali. Por tal, há uma espécie de rodízio não regulado que garante que as festas e eventos para lésbicas, gays, mulheres e homens bissexuais, travestis, transsexuais, e pessoas intersexo (LGBTI) aconteçam costumeiramente nos mesmos lugares, onde a inferioridade numérica de lésbicas e mulheres bissexuais já se apresentou como entrave no desenvolvimento de pesquisas que visam a esse grupo de mulheres em específico.

Palavras-chave: Cidades, Festas LGBTI, Lésbicas.

INTRODUÇÃO

De acordo com o sociólogo alemão Louis Wirth (1979), membro da Escola de Chicago, a cidade pode ser definida como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”. Argumentando que nenhuma das características acima citadas pode constituir individualmente uma cidade, ele aponta para uma dinamicidade urbana que independe da sua baixa taxa de natalidade. Segundo ele, a cidade tem sido o local de convergência de povos e culturas favoráveis a criação de novos híbridos biológicos e culturais. Ela é responsável pela reunião de povos de diferentes origens no planeta justamente por sua diversidade e não por um pensamento homogêneo. A cidade existe enquanto localidade e seu modo de vida urbano existe como modelo para quem nela reside. Não há necessidade humana que a cidade não supra, entre eles uma alternativa à monotonia e a rotina também é apontada por Wirth como um dos atrativos da cidade. Denominando o ‘fornecimento de emoções’ uma

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – PPGA-UFPE; nandacmello@hotmail.com.

das “principais funções da recreação urbana”, onde se apresenta a possibilidade para a autoexpressão. O senso de comunidade, no entanto, é monetizado a ponto da imparcialidade, e até mesmo as relações de parentesco perdem espaço na vida do indivíduo:

“O superficialismo, o anonimato, e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam, também, a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade. Nossos conhecidos têm a tendência de manter uma relação de utilidade para nós, no sentido de que o papel que cada um desempenha em nossa vida é sobejamente encarado como um meio para alcançar os fins desejados. Embora, portanto, o indivíduo ganhe, por um lado, certo grau de emancipação ou liberdade de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos, perde, por outro lado, a espontânea autoexpressão, a moral, o senso de participação, implícitos na vida numa sociedade integrada. Isso constitui essencialmente o estado de *anomie* ou de vazio social a que se refere Durkheim ao tentar explicar as várias formas de desorganização em sociedade tecnológica” (WIRTH, 1979, p. 101).

Essa consequência do urbanismo como um modo de vida também é apontada pelo sociólogo Georg Simmel (1979). A atitude *blasé* surge como uma resposta psicológica aos diversos estímulos urbanos. Incapaz de dar conta de tudo que acontece ao seu redor, indivíduo *blasé* cessa todos os esforços de reagir com “energia apropriada”. Tal atitude é responsável pela reserva típica das moradoras e moradores das cidades, marcadas pela indiferença entre aquelas e aqueles que compartilham do mesmo espaço cotidiano. A questão vai além da indiferença, trata-se de uma leve aversão que afasta em diferentes graus aqueles que tem vidas geograficamente próximas às nossas. Não é que não se percebe todos os estímulos urbanos, mas adota-se uma postura de indiferença extrema em locais públicos e até mesmo na vida privada em determinadas situações. Não é comum, por exemplo, os moradores de apartamentos de um mesmo prédio socializarem entre si fora da esfera administrativa. Até mesmo as áreas comuns são utilizadas em sistema de rodízio.

De acordo com Jean Duvignaud (1983), a festa, enquanto fenômeno de interesse antropológico, seria o extremo oposto da reserva urbana. Ela é capaz de colocar o homem frente a frente a um mundo sem estruturas ou normas. O indivíduo consume-se em busca de uma ausência de normas que o liberte; e renasce, para enfrentar novamente a rotina. É fácil concluir que a *festa* combate o indivíduo *blasé* e força-o a tomar ciência dos estímulos ao seu redor e aproveitá-los de forma máxima, tendo ela uma conotação positiva ou negativa. De acordo com Duvignaud, “a festa, em si, ao contrário, não implica qualquer outra finalidade senão ela mesma” (p. 66), e seria o local onde “as pessoas aí realizam o impossível, isto é, a comunicação comum além de todo espaço e a permanência, o confronto aceito da destruição e da sexualidade” (p. 68). Esse entendimento condiz com o entendimento que Simmel (1979) tem

de sociabilidade: mundo artificial de associação cuja intenção não é outra se não a interação social.

Em uma posição distinta da anterior e em muitas maneiras complementares, Rita de Cássia Araújo (1997) acredita que a festa na cidade vem atribuída de um caráter histórico e muitas vezes político, que a ideia destrutiva exposta no pensamento de Duvignaud (1983) teria como função a abolição momentânea do ordeiro em prol de um presente intensamente vivido. No meio urbano, a festa marca a interrupção da ordem na qual, mas traz também a ideia de celebração, sem abrir mão do passado.

A concentração da expressão das minorias em poucos pontos ou em pequenas áreas não é um fenômeno exclusivo do Recife. Longe disso. O estudo dessas áreas parece estar diretamente ligado ao fenômeno urbano. Os conceitos de guetos (*ghettos*) surgidos da Escola de Chicago tem por principais características sua isolamento e desigualdades sociais, além de um componente sempre presente, em menor ou maior escala: a prática de atividades não reguladas, escusas ou criminosas. Robert Ezra Park (1979) desenvolve o conceito de região moral que podemos facilmente associar à ambientes socialmente estigmatizados. São áreas dentro cidade que assumem alguma característica que represente os impulsos latentes do ser humano. Isso poderia explicar o rodízio que as festas independentes fazem das mesmas casas de festa. Ainda de acordo com Park, cada vizinhança tem a potencialidade de se converter em uma região moral já que a transformação está diretamente ligada às influências que tendem a distribuir e a segregar as populações citadinas. Ele fala dos impulsos latentes dos seres humanos que, reprimidos, por vezes encontram influências que tendem a distribuir e a segregar as populações citadinas. As causas do desenvolvimento dessas regiões morais devem-se, em parte, às restrições que a vida urbana impõe e em parte à permissibilidade que essas mesmas condições oferecem. A noção de *contágio social* (PARK, 1979) se faz presente também na formação dos ambientes que aqui estão em questão. O contágio tende a estimular em tipos divergentes às diferenças temperamentais comuns, e a suprimir os caracteres que os unem aos tipos normais à sua volta. A associação com outros do mesmo grupo proporciona não apenas um estímulo, mas também um suporte moral para os traços que têm em comum. Também é possível traçar um paralelo direto entre a noção de contágio social e o surgimento de diversos ambientes voltados ao público LGBTI na Rua Manoel Borba inspirados pelo sucesso do Clube Metrôpole, hoje com 19 anos.

Nestor Perlongher, na década de 1980, em sua etnografia *Negócio de Michê*, sobre a prostituição masculina no centro de São Paulo, traz a noção de gueto como área de convergência

e circulação não sendo, portanto, atribuída à fixação residencial. Os guetos gays (PERLONGHER, 1986) seriam áreas segregadas onde as práticas sexuais transgressoras à luz da sociedade encontram alguma forma de pertencimento. O professor José Guilherme Magnani (1993), a cidade não se coloca de forma uniforme para todos as suas e seus residentes. Em uma reflexão sobre a experiência da *rua* enquanto categoria de atenção antropológica, ele afirma:

“Estas formas de apropriação não são o resultado de escolhas individuais, nem são aleatórias: são resultado de rotinas cotidianas, ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade. O resultado é um desenho bastante particular e que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade: às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativa senão adequar-se”. (MAGNANI, 1993, p.13)

De forma semelhante, não é possível afirmar que as experiências de festas sejam a mesma para todos que dela aproveitam (indendentemente da forma em que esse *proveito* se apresente). É a intenção do presente artigo ressaltar a presença de lésbicas e mulheres bissexuais nas regiões onde tradicionalmente ocorrem festas voltadas ao público LGBTI+, traduzidos em espaços de pura sociabilidade a partir da diversidade.

Metodologia: entre a produção científica e o ativismo.

É importante ressaltar que se trata de uma pesquisa com metodologia qualitativa, isto é, destaco a importância do indivíduo como intérprete do mundo a sua volta, desenvolvendo métodos que priorizem, portanto, a perspectiva do indivíduo (GOLDENBERG, 2002) O conteúdo foi produzido a partir de dados obtidos durante observação participante e interações e conversas informais durante o ano de 2018.

O principal método de pesquisa é a partir de uma etnografia feminista (SALGADO, 2012). Ela distingue-se das demais não em validade, mas principalmente em qualidade. O método de investigação científica tem no feminismo seu principal aporte teórico. Este tipo de etnografia se diferencia dos tipos “tradicionais” por se preocupar em observar a posição e papéis sociais que são ocupados pelas mulheres do grupo ou cultura pesquisados. A discriminação com base no gênero/sexo é o tópico mais sobressalente e recorrente sempre que esse método é utilizado.

A pesquisa qualitativa tem por tradição da Escola de Chicago a produção de conhecimentos que servirão de base para políticas públicas que visassem contribuir e amenizar as mazelas urbanas que aquela cidade possuía, durante a primeira metade do século XX (GOLDENBERG, 2002). No Brasil não é tão diferente. A produção de conhecimento feminista, especificamente, de acordo com artigo publicado por Anahi Mello, Felipe B. M. Fernandes e

Mirian Grossi (2013), tem uma proximidade muito grande do ativismo político. Trata-se de “um campo híbrido de produção de conhecimento que informa e que forma práticas políticas. A capacidade de agência da qual fala Sherry Ortner (2007) diz respeito as influências que a pesquisa pode ter na organização social estudada, /o antropóloga/o pesquisadora. Essa agência pode ser observada sob duas ordens estruturadoras igualmente válidas: o *poder de perícia* diz respeito ao conhecimento teórico utilizado e reconhecido como parte fundante e ativamente participante da militância; enquanto que o *poder referente* transfere a importância para a ação militante enquanto interesse para a construção de um conhecimento teórico.

Em uma rápida revisão da composição do campo militante por parte dos pesquisadores acadêmicos mostra-se que a ciência social no Brasil não consegue dissociar-se completamente do movimento social organizado que reivindica políticas públicas de autoafirmação. A partir da localização de Mello enquanto sujeita múltipla (mulher surda, lésbica e pesquisadora), assim como de Fernandes (2011), cujo caminho acadêmico sempre esteve ligado às conquistas contra a LGBTIfobia, não podemos descartar a relação de codependência entre a produção de conhecimento científico e a militância política de grupos minoritários. De acordo com Luís Roberto Cardoso de Oliveira (2010), são três os compromissos assumidos pela/o antropóloga/o: compromisso ético, moral e político diante de suas/seus sujeitas/os de pesquisa, fornecendo todas as informações pertinentes a pesquisa em desenvolvimento; o compromisso com a verdade, seguindo critérios de validade científica; e por último o compromisso com a sociedade e a cidadania ao retribuir o conhecimento produzido a partir de suas/seus interlocutoras/es. O código de ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 2012) versa a respeito da representação política do grupo pesquisado, em comprometimento com a polifonia da produção científica.

Locais Observados.

Dentre os lugares pesquisados, as festas produzidas por grupos independentes representam o maior número de inserções em campo. Estas festas não tem local pré-estabelecido para acontecerem, embora o número de locais em que normalmente acontecem são bastante limitados. Um novo lugar, além desses que já recebem festas LGBTI costumeiramente, enfrentaria o risco de desconfiança por parte do público, representando riscos financeiros para os produtores.

A boate LGBTI mais conhecida de Recife, a Boate Metrópole, também foi visitada diversas vezes, e tive a oportunidade de conversar informalmente com a empresária Maria do

Céu, dona da boate e de um outro bar da região. Essa região da boate tem uma particularidade que vale a pena ser ressaltada por conhecida como o *locus* LGBTI, ou “alternativo” na concepção de alguns. Casas noturnas e bares que tem funcionamento regular sextas e sábados, por vezes recebem festas independentes, deixando tudo *em casa*, por assim dizer.

A Metrópole fica no coração pulsante do Recife, no bairro da Boa Vista. Com tantas concorrentes fechando suas portas ao longo de seus 16 anos, a Metrópole acabou trazendo a concorrência para a vizinhança. Novos bares, boates, botequins e até um local para práticas sexuais masculinas formam agora um verdadeiro complexo de entretenimento voltado ao público LGBTI. O Complexo LGBTI da Manoel Borba, como eu escolhi chamá-lo, oferece desde uma boate com 3 ambientes e piscina (a Metrópole), até uma tenda onde vendem *espetinhos* cobiçados na noitada em uma das esquinas do cruzamento da Rua Manoel Borba com a Rua das Ninfas. O que parece importar ali são as possibilidades, inclusive a de não escolher nada e só participar do movimento da rua, ouvindo uma música pop distante e buzinas de taxistas irritados com pessoas praticamente fechando as ruas, especialmente às sextas e sábados. O bar/boate Ponto G, localizado na zona oeste da cidade, no bairro de Afogados, ficou conhecido entre as camadas populares como um ponto onde há uma predominância de lésbicas. Seu funcionamento, no entanto, é irregular. Não sabendo ao certo se estaria aberto, ainda não tive oportunidade de visitá-lo. De acordo com algumas fontes pessoais, ele voltou a funcionar recentemente, apenas aos domingos.

O campo se apresenta dinâmico em constante expansão. Ele não está retido aos locais já citados, mas aberto à novas possibilidades e novos espaços. O tradicional Bar Central, no Bairro da Vista já representou campo quando o frequentei com algumas companheiras do Comitê Intersecretarial de Lésbicas e Mulheres Bissexuais de Pernambuco, do qual participo como representante da sociedade civil. Manifestações políticas também tem se apresentado como *locus* de atuação de pessoas LGBT, tantas são as bandeiras de arco-íris balançando livremente na Praça do Derby ou em passeata pela Avenida Conde da Boa Vista. Os locais que constituem o que chamo de campo, na atual pesquisa não são fixos. Festas e celebrações podem acontecer no meio da rua ou no meio do nada. Estaria comentando um erro metodológico caso me limitasse apenas à estabelecimentos comerciais ou festas independentes.

Durante a observação foi possível observar dentro da cena noturna recifense a concentração e repetição geográfica de estabelecimentos que oferecem entretenimento festivo voltado para o público de pessoas lésbicas, mulheres e homens bissexuais, gays, travestis e transsexuais, e pessoas intersexo (LGBTI). As festas independentes adotam aqui esta

denominação (“independentes”) por trata-se de festas realizadas por produtores iniciantes no rampo e sem a comum institucionalização do espaço. As de maior destaque acontecem costumeiramente – e exceções surtem frequentemente em claras tentativas de renovação entre as opções de entretenimento já ofertados na cidade – nos mesmos lugares: duas localidades encontram-se no bairro de São José, onde é possível – ver o encontro do Rio Capibaribe com o mar; outra em Brasília Teimosa, à beira mar; e há um rodízio interessante de atrações entre os diversos estabelecimentos localizados na região do cruzamento da Rua Manoel Borba com a Rua das Ninfas. Essa região conta ainda com um local de práticas homossexuais masculinas e a boate LGBTI mais antiga da cidade, o Clube Metrôpole. Não há, no entanto, um ambiente aberto no presente momento que concentre esforços para atrair um público exclusivo de mulheres². As poucas festas independentes voltadas à exclusivamente para lésbicas e bissexuais encontram dificuldade de atrair um público assíduo em todas as suas edições. Muitos dos bares que abrem visando esse público especificamente não permanecem em funcionamento por muito tempo: o Lesbian Bar abre e fecha de tempos em tempos, nunca sabendo quando, ou até mesmo se, voltará algum dia a funcionar; o SPTZ Bar funcionou por pouco tempo em um bairro da zona norte.

Lésbicas em festas LGBTI+:

A principal dificuldade ao se propor trabalhar academicamente com lésbicas e suas vivências é justamente encontrá-las em seus momentos de interação social. Através da observação de espaços voltados ao público LGBTI do Recife, foi constatada uma presença massivamente inferior quando comparamos homens e mulheres. A antropóloga Andrea Lacombe (2005) abraçou o desafio de dissertar sobre a sociabilidade lésbica no Rio de Janeiro. A escolha de seu local de pesquisa, no entanto, foi problemática justamente pela dificuldade de encontrar um local público onde lésbicas socializassem livremente. Ela cita dois casos de ambientes voltados ao público lésbico – as boates La Girl e Dama de Ferro – que abriu mão de sua identidade inicial por uma chance na competitiva cena noturna carioca: na época de sua pesquisa ambos os estabelecimentos recebiam mais homens gays que mulheres. Sua pesquisa toma lugar em um bar/boteco onde as masculinidades eram exercidas pelas mulheres, donas do espaço, da fala e da moralidade do lugar. Sua análise é centralizada na configuração do bar Flôr

² Há diversos estabelecimentos votados à população LGBTI que são comandadas por mulheres, mas isso não se traduziu em delimitação de público feminino, como ocorrem com festas exclusivas para homens. Estas últimas não apenas são comuns, como também foi observada a existências de estabelecimentos comerciais como um todo, ou seja, não apenas durante eventos ocasionais. Estes não recebem mulheres em nenhum horário.

de André enquanto âmbito particular onde são observadas as relações sociais centradas em mulheres lésbicas masculinas. Não foi de seu interesse aprofundar os motivos pelos quais essas lésbicas não frequentavam a cena LGBTI. As explicações em que ela esbarrou foram a de que os demais ambientes eram lugares de homens gays, onde elas não se encaixam e tampouco se sentem à vontade para permanecer.

A etnografia de Nádya Elisa Meinerz (2011) investigou o estabelecimento das parcerias entre mulheres e entre seus achados, algo que interessa diretamente a este artigo. O estudo pretende dar visibilidade às trajetórias afetivo-sexuais dessas mulheres, assim como revelar suas preferências para lazer e sociabilidade, sem nunca perder de vista a forte influência da classe social de suas interlocutoras, ela desenvolveu sua pesquisa em um cenário onde o conhecimento acerca da temática de gênero e sexualidade era menos difundido do que é hoje.

Entre Elas é mais uma obra que aborda a temática lésbica e apresenta a dificuldade de encontrá-las na cena noturna. Argumenta que não há estabelecimentos lésbicos e por esse motivo lésbicas e mulheres bissexuais não se reúnem expressivamente sustenta uma vez que Porto Alegre também conta com histórias de estabelecimentos lésbicos que funcionaram por pouco tempo devido ao baixo público. A música, é apontada como elemento importante na escolha de locais para divertimento, para as mulheres lésbicas. A autora afirma que dois outros elementos mais que tornam a música em si irrelevante: o público e principalmente o comportamento desse público são mencionados por elas como motivos para não frequentar a cena LGBTI. As mulheres da etnografia de Meinerz atendiam a eventos específicos, através de suas próprias redes de relações sociais por recusarem a alcunha de lésbica e conseqüentemente a participação no que Perlongher (1986) chamou de gueto gay.

Essa questão nos remetem diretamente às relações simbólicas e reais que geram o problema. Para o explicar o fenômeno, é importante pensarmos primeiro na “identidade lésbica”, da qual nos fala Almeida e Heilborn (2008). Ela é tida como preciosa por ser construída sob condições adversas, marcada constantemente por conflitos familiares e pela luta contínua por afirmação de direitos. A visibilidade é o paradigma associado diretamente ao movimento de lésbicas. Esse paradigma, no entanto, seria fruto da pauta de lésbicas que acreditam que a partir da visibilidade e reconhecimento, alcançarão os direitos pelos quais batalham. Elas acreditam que o caminho mais curto para a autoaceitação de mulheres que não se afirmam ou identificam como lésbicas, mas que mantêm relacionamentos homoafetivos é através da naturalização das existências lésbicas., ou seja, a medida que tais existências se

tornam comuns e visíveis, mais mulheres conseguem se enxergar enquanto lésbicas por terem encontrado um “modelo lésbico” que se adequa a sua realidade. Segundo elas, isso acontece devido a uma aversão imposta pela sociedade às mulheres que ousam ir na contracorrente. Cheryl Clarke (1988) já falava sobre a lesbianidade ser um ato de resistência por dissociar-se em todas as esferas do domínio masculino. Segundo Almeida e Heilborn (2008), “muitas ainda prefeririam o ocultamento dessas práticas à possibilidade de visibilidade, como meio de não se inscreverem em um processo demandante de delicada negociação com diferentes sujeitos e em distintas esferas do cotidiano” (p. 231). A produção dentro das ciências sociais sobre a homossexualidade feminina encontra o sério entrave no desenvolvimento de um único conceito sobre a identidade sexual dos grupos de mulheres. De acordo com Almeida e Heilborn, essa dificuldade ocorre por conta da resistência dessas mulheres de serem rotuladas exclusivamente como homossexuais ou lésbicas. Essa resistência pode dialogar com a baixa frequência de lésbicas e mulheres bissexuais em espaços LGBTI no Recife.

Estabelecer *uma* identidade lésbica parece ser um caminho que levará a essencialismos que pretendo de evitar. “Identidade”, dentro da antropologia, é um conceito que se traduz em constantes mudanças. Não há apenas uma identidade para um sujeito visto que ele é formado por várias identidades, sendo a sua subjetividade a coleção dessas identidades e tudo que o próprio indivíduo acredita ser. Lésbicas não são mulheres, diz Monique Wittig, mulheres bissexuais, por conseguinte, também não são totalmente mulheres. O gênero é um *fazer* gênero, pois é um movimento de ressignificação diária. Pensávamos dar sentido à nossa fisiologia através de um conjunto de papéis de gênero, organizados hierarquicamente, no entanto, a sexualidade vem se mostrando elemento de fundamental importância na ordenação social. Os modos nos quais a sexualidade irá se expressar em desejos ou práticas varia, também hierarquicamente, entre os indivíduos. Aqueles que escapam à lógica da heterossexualidade compulsória são páreas na sociedade. Sua própria existência aponta falhas no discurso dominante do patriarcalismo heterossexual, onde lésbicas representariam a diferença máxima (WITTIG, 1975). Falar que se tratam de mulheres *gays* tampouco apreende todo o resto de subjetividade lésbica. Nosso gênero não é inferior ao nosso sexo, ele não é senão uma construção a partir de um corpo requalificável. Para o sujeito universal, nossas diferenças precisam ser quantificadas e classificadas a fim de facilitar a renovação de sua posição na hierarquia de gêneros, no topo da hierarquia. A diversidade de formas e o desenvolvimento dos estudos acerca de sexo, gênero e sexualidade apontam para a falta de necessidade da associação binária para

além do discurso da heterossexualidade compulsória e da ordem supostamente natural da reprodução humana.

Em entrevista à Irene Meijer e Baukje Prins (1998), Judith Butler afirma que seu interesse é destacar o movimento lésbico em diferenciação à atual forma de estudar a história da mulher. Os padrões heteronormativos são tidos como centro da coerência interna ou unidade de cada gênero. Sobre a centralidade da heterossexualidade nos estudos sobre gênero, Judith Butler se assume preocupada, e traz a *lesbianidade*³ como elemento contraditório ao discurso construtivista:

“Se o lesbianismo for entendido como uma dentre muitas formas de impropriedade, então a relação entre sexualidade e gênero permanece intacta no sentido de que não nos perguntaríamos sob quais condições o lesbianismo realmente afeta a noção de gênero. Não é simplesmente a questão de o que é uma mulher própria ou imprópria, mas o que não é absolutamente concebível como uma mulher! E é aqui que retornamos para a noção de abjeção. Eu acho que a abjeção tenta sinalizar o que permanece fora dessas oposições binárias, a ponte mesmo de possibilitar esses binarismos. Quem é considerada uma mulher ‘imprópria’? quem passa a ser denominada imprópria no texto que a historiadora estuda? Que tipos de atos são classificados ou designados ou nomeados? E quais são tão inomináveis e inclassificáveis que se tornam impróprios à impropriedade, ficando fora do impróprio? (...) Ainda não somos capazes de considerar aqueles atos e práticas e modos de vida que foram brutalmente excluídos desse mesmíssimo binário próprio e impróprio. Eles não são a pré-história benigna desse binarismo, mas sim seu violento e inominável avesso. E é isso que eu quero continuar a abordar” (MEIJER; PRINS, 1998, p.166).

Não há como negar que o debate sobre o patriarcalismo, gênero, sexo e sexualidade, aqui envolvendo as mais variadas práticas e orientações sexuais, são extremamente intrincados entre si. Se a ordem heterossexual vigente é fundamental para a hierarquização dos sexos e gêneros, a sexualidade tem papel central na formação e entendimento sobre ambos os assuntos.

Considerações Finais.

Este trabalho destinou-se a verificar a presença de lésbicas e mulheres bissexuais em espaços voltados ao público LGBTI na cidade de Recife. Foi observado que o entretenimento para essa parcela da população obedece uma lógica de gueto, configurando rodízio irregular das localidades em que as festas e eventos acontecem.

Percorrendo as festas e estabelecimentos mais conhecidos da cidade que oferecem divertimento para pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes, foi possível confirmar através da observação que há presença masculina massiva. Se tivesse de arriscar uma

³ A autora usa lesbianismo como sinônimo para lesbianidade. Para fugir da ideia patológica que o sufixo *ismos* traz, sempre que adequado, evitarei tal termo.

proporcionalidade, diria 4 homens para cada mulher, por vezes até mais. O fenômeno pode ser entendido apenas se considerarmos as especificidades da identidade lésbica.

A antropologia tem mostrado nos últimos anos verdadeiros alongamentos para conseguir produzir conhecimento sobre lésbicas e suas vivências. Um dos principais motivos é a dificuldade de encontrá-las em um só ambiente. As estratégias metodológicas, como as que utilizou Andrea Lacombe, ou outros recortes do objeto de estudo, como nos mostrou Nádia Eliza Meinerz, requerem criatividade. Estudar lésbicas não se trata apenas de observá-las, mas antes de tudo é importante saber onde encontrá-las. Não são protagonista de festas noturnas LGBTI, por isso conhecê-las a fundo é de fundamental importância para a produção de conhecimento, uma vez que a questão da ‘identidade lésbica’ não é uniforme para todas as mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L. Não Somos Mulheres Gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. In: **Gênero**. Niterói, V. 9, N. 1, 2. Sem. 2008. P. 225-249

ARAÚJO, Rita de Cássia. **Carnaval do Recife: alegria guerreira**. Estudos Avançados, v.11, n.29, jan-abr, 1997, p.203-216.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. A Antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. (orgs). **Ética e Regulamentação na Pesquisa Antropológica**. Brasília: Letras Livres, Ed. UnB, 2010, p. 25-38.

CLARKE, Cheryl. El lesbianismo: Um acto de resistência. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). **Esta puente, mi espalda**. San Francisco: Ism Press, Inc., 1988, 99-107.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Trad.:L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FERNANDES, Felipe Bruno M. **A Agenda Anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)**. Tese (doutorado em Ciências Humanas) Programa de Pós-Graduação em Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis/SC, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

LACOMBE, Andrea. “**Pra homem já tô eu**”: Masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, PPGAS-MN, Rio de Janeiro, 2005

MAGNANI, José Guilherme. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Cadernos de História de São Paulo 2, Museu Paulista-USP, jan/dez 1993.

MEIJER, Irene Costera; PRINS, Baukje. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Journal of Women in Culture and Society**, Chicago, v.23, n.2, p. 275-287, 1998.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Entre Mulheres**: Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médio urbanos na cidade de Porto Alegre. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2011.

MELLO, Anahi G. **Reflexões acerca da inserção em campo e militante nas conferências de políticas para mulheres e LGBT**. In: 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo. *Anais eletrônicos*. 28ª RBA. São Paulo: Associação Brasileira de Antropologia, 2013.

ORTNER, Sherry. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Mirian P.; Eckert, Cornélia; Fry, Peter H (orgs.) **Conferências e Diálogos: Saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra; Associação Brasileira de Antropologia. P. 45-80.

PARK, Robert Ezra. **A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento**. In VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P. 26 – 67.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. 2ªed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SALGADO, Martha Patricia Castañeda. Etnografía feminista. In: Norma Blazquez Graf, Fátima Flores Palacios, Maribel Ríos Everardo, coordinadoras. **Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales**. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades: Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias : Facultad de Psicología, 2012, pp. 217 – 238.

SIMMEL, GEORG. A Metrópole e a vida Mental. In VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11 – 25.

WIRTH, Louis. Urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11 – 25.

WITTIG, Monique. **The Lesbian Body**. New York: William Morrow and Company, Inc., 1975.